

ENSAIO SOBRE A FORMAÇÃO E ADAPTAÇÃO EM ADORNO¹

[ESSAY ON FORMATION AND ADAPTATION IN ADORNO]

Ermínio de Sousa Nascimento *

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil

RESUMO: O presente artigo considera a questão da formação e adaptação no contexto da sociedade burguesa, analisada à luz do pensamento de Theodor W. Adorno (1903-1969), sobretudo, nos textos: Educação e emancipação (1995); Teoria da semicultura (1996) e Dialética do esclarecimento (1985), tendo por finalidade expor os condicionantes inerentes ao sistema capitalista que corroboram para a saída do homem da tutela da autoridade divina, sem, no entanto, chegar efetivar autonomia, no sentido kantiano, para se autogovernar. Tal sociedade elege o saber científico, potencializado pela racionalidade técnico-instrumental, como a única forma de saber válida que forja um tipo de subjetividade cujo pensamento é coisificado. A educação se vincula aos interesses do sistema capitalista para formar operadores do saber científico para produzir mercadorias, sem as devidas preocupações com as reflexões críticas sobre a vida marcada pela exploração e desigualdades presentes no seio da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação da subjetividade; Educação para adaptação; Sujeito autônomo; Dominação; Operador do saber científico

ABSTRACT: This article evaluates the issue of formation and adaptation in the context of the bourgeois society, as seen under the lights of Theodor W. Adorno's thinking, (1903-1969), especially in following the texts: Education and Emancipation (1995); Semiculture Theory (1996) and Dialectic of Enlightenment (1985), aiming at exposing the inherent forceful conditions of the capitalist system that validates the exit of man from the tutelage of divine authority, without, however, bestowing upon him effective autonomy, in the Kantian sense, to self-govern. Such a society chooses scientific knowledge, enhanced by technical-instrumental rationality, as the only valid form of knowledge that will forge a type of subjectivity whose thinking that support it is reified. Education is linked to the interests of the capitalist system to train operators of scientific knowledge to produce goods, without considering the critical reflections that it will provoke on life marked by exploitation and inequalities in this dominating society.

KEYWORDS: Formation of subjectivity; Education for adaptation; Autonomous subject; Domination; Operator of scientific knowledge

1 INTRODUÇÃO

A formação da subjetividade no pensamento de Adorno considera a noção de autonomia do sujeito, nos moldes kantiano, que se efetiva quando ele deixa de ser tutelado por outros homens e passa a se conduzir por conta própria, fazendo uso da razão. Essa compreensão que anuncia o fim das intervenções de forças externas nas

* *Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor (Adjunto) dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú [UVA]. Email: nascimento_ermínio@uvanet.br*

decisões do sujeito deve sair da esfera teórica, segundo Adorno, para se efetivar no mundo socialmente constituído. Vale ressaltar que o próprio Kant reconheceu que aquela autonomia ainda não tinha sido alcançada na modernidade. Por medo ou por covardia, o homem ainda se deixava comandar por outros (Cf. KANT, 1985). Quem são esses outros? Mesmo o homem tendo superado as determinações das forças sobrenaturais, ainda continuava refém de que ou de quem?

As respostas para essas questões consideram que o sujeito autoconsciente que relutava para se firmar como sendo capaz de se conduzir por ordenamentos racionais, rompendo com autoridade divina, instituído pelas sagradas escrituras e justificado pelo pensamento filosófico da escolástica, no início da modernidade, se converteu em operador do saber científico. A sua capacidade crítica para se contrapor ao que é imediatamente dado se converteu em esforço para operacionalizar o saber técnico-científico. Tal esforço serve para aproximar o comportamento das pessoas ao modo de funcionamento das máquinas. As suas intervenções técnicas na sociedade favoreceram o desenvolvimento da produção de mercadorias, modo de produção capitalista, que contribuiu para melhorias da vida material, mas sem ter a mesma repercussão na vida espiritual.

A formação cultural que se fundamenta na concepção de uma humanidade sem exploração e injustiça social, migra para um modelo educacional – semiformação² – que se põe a serviço da sociedade capitalista, padronizando o comportamento humano a partir de interesses de grupos sociais, tendo a economia como o critério principal a ser atendido. Se assim o for, o modelo de produção capitalista é incompatível com a noção de educação para a formação autônoma do sujeito. A sua formação é para conservar o sistema capitalista, que pressupõe a exploração do homem pelo outro e a desigualdade social. Por essa razão, assumimos a posição de que a autonomia do sujeito e a emancipação humana não se efetivam apenas por uma concepção de educação, mas por um modelo de racionalidade que se confunde com a própria educação. A sua principal preocupação é com a formação cultural dos indivíduos em sua totalidade e não apenas com a instrução formal propiciada pelas instituições de ensino.

Por esse entendimento, o processo educacional se constitui de duas funções, a saber, a educação enquanto instrumento de emancipação deve promover a adaptação dos indivíduos ao todo social; além disso, é sua função estipular critérios para cada indivíduo resistir às imposições do coletivo sobre a sua singularidade. Para tanto, é salutar que se pergunte se a educação pode realizar tais funções sem romper com o modelo de racionalidade adotado na modernidade, sobretudo, com a racionalidade técnico-científica que prevalece até então, delimitando a educação na sua função de adaptação dos indivíduos à realidade social, convertendo a formação em semiformação e a cultura em semicultura? Assim sendo, neste artigo, analisa-se a formação da subjetividade baseada no aspecto da educação como adaptação e semiformação.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE SUBJETIVIDADE E ADAPTAÇÃO NA SOCIEDADE BURGUESA

A formação da subjetividade na modernidade é marcada por um modelo de educação que conduz as pessoas para se adaptarem aos mecanismos de dominação do sistema capitalista. Tal educação, ou melhor, semiformação, analisada por Adorno, configura-se como um instrumento usado pela sociedade burguesa para justificar a transmutação do sujeito intelectual, autoconsciente³, em operador do saber técnico-científico. A sua autonomia se fundamenta em elementos culturais aprovados

previamente pela sociedade capitalista, que prima pela aquisição do conhecimento científico para potencializar a produção de mercadorias, adaptando-se à ordem social vigente. A cultura mediada pela racionalidade técnico-científica é vista como algo sagrado, objetivamente determinado, que subjugava a subjetividade humana aos interesses do grupo dominante da sociedade (Cf. ADORNO, 1996). Por essa racionalidade, formação significa instrução que transforma os indivíduos em peça de engrenagem social para exercer funções pensadas pelo sistema produtivo, alheio às suas implicações na vida da humanidade. Um exemplo disso é o argumento do operador do saber técnico-científico que projetou e executou o sistema ferroviário para conduzir pessoas, vítimas do Nazismo no século XX, até os campos de extermínios na Europa (Cf. ADORNO, 1995). Por um lado, tem-se a frieza do indivíduo contratado para realizar a obra, mesmo que isso tenha provocado a morte de milhões de pessoas e, por outro lado, os artefatos tecnológicos que foram desenvolvidos por pessoas instruídas cientificamente, mas usados de forma tão desumana que põe em xeque a possibilidade de se ter uma sociedade emancipada via produção da riqueza da vida material potencializada pela racionalidade técnico-científica a serviço do sistema capitalista.

Com isso, deve-se perguntar: é possível conceber a formação da subjetividade, valorizando as experiências formativas dos indivíduos, que promova a autonomia do sujeito, conservando a racionalidade técnico-científica, no contexto da sociedade burguesa? Tal pergunta é posta pelo fato de que o uso dessa racionalidade, pela sociedade capitalista, ao invés de buscar superar a frieza imputada na consciência das pessoas, faz é corroborar com a compreensão tradicional de que a unidade da coletividade social se efetiva pela negação de cada indivíduo por meio da coerção social, sem nenhuma pretensão de transformar homens em indivíduos (Cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Os indivíduos sem singularidades se unificam com as máquinas⁴, com a ciência e a técnica para fortalecer as forças produtivas do sistema capitalista enquanto progresso econômico, sem, no entanto, conduzir o homem à emancipação humana. Nela, reinam os procedimentos presentes no processo civilizatório em que, segundo Adorno e Horkheimer:

Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isto nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

A oposição entre o homem concebido universalmente – ser genérico ou abstrato – e a sua singularidade no interior da sociedade, ainda é um dos grandes desafios a ser superado pelo processo formativo que prima pela formação da subjetividade para manter o equilíbrio entre produção da vida material e espiritual. Essa questão analisada pela ótica da racionalidade técnico-científica, pelo seu comprometimento com a produção da riqueza material para satisfazer o capitalismo, requer de cada indivíduo um grau de instrução, em termos de conhecimento científico, que assegure a sua inserção no sistema produtivo. Tal instrução ocupa o espaço da formação cultural, instrumentalizando os homens para o exercício operacional de certas funções reclamadas, sobretudo, pela economia da sociedade burguesa. Então, se a efetivação da formação da subjetividade não ultrapassa a esfera pedagógica da educação, o homem continuará formatado para a operacionalidade de suas ações. Para superar tal situação é preciso modificar os

condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais que configuram a realidade vigente. Esses são fatores extrapedagógicos⁵ que interferem na formação, uma vez que no mundo, sobretudo, o dominado pelo capitalismo, a consciência coisificada dos indivíduos por uma racionalidade instrumental produz uma educação que se identifica com essa racionalidade que mantém a consciência fetichizada.

Assim, se há uma identidade entre educação e racionalidade ou conscientização, no caso do esclarecimento nos moldes da racionalidade técnico-científica, efetiva-se logo no primeiro estágio da educação que é de adaptação das pessoas ao mundo em que vivem. Apesar de ela não poder deixar de realizar tal estágio, é sua primeira função orientar as pessoas a se conduzirem no mundo (Cf. ADORNO, 1995); ela deve superar esse estágio para possibilitar uma consciência crítica nos indivíduos para se contraporem àquela realidade que os oprime. Nesse aspecto, a educação por si mesma não tem como se desvincular do mecanismo de funcionamento social que pressupõe dimensões diversas, tais como: política, economia, cultura, entre outras. Ao contrário, ela se ajusta ao dinamismo social, orientando os indivíduos nessa mesma direção. Desse modo, se a racionalidade é instrumental, então a educação é instrumental. Isso inviabiliza a possibilidade da formação da subjetividade que promova a autonomia do sujeito ou da emancipação humana devido ao seu comprometimento com a conservação da estrutura social vigente que é determinada por uma realidade que ela mesma já se constitui como sendo uma ideologia que subjuga todos os indivíduos (Cf. ADORNO, 1995).

Por essa razão, a educação em termos pedagógicos se mostra impotente frente a tal realidade. Isso se justifica pela contradição existente entre o modo como essa realidade é concebida teoricamente e a sua efetivação no mundo dos fatos. Enfatizando a prerrogativa de que a constituição da sociedade burguesa se dá pela existência de homens livres e iguais, como condição fundamental para a sua efetivação, é algo anunciado teoricamente que não se comprova no interior da sociedade. Tal prerrogativa se orienta por questões ideológicas que formalmente concebe a sociedade autônoma como sendo constituída de indivíduos autoconscientes, livres e iguais, de modo que “[...] quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo” (ADORNO, 1996, p. 4). Mas, ao contrário disso, com o advento do capitalismo tardio, a sociedade burguesa se estrutura por prática de privilégios de grupos sociais, grupo dominante, sobre os demais.

Essa prática corrói o fundamento da formação da subjetividade orientado pela concepção “[...] de uma humanidade sem status e sem exploração” (ADORNO, 1996, p. 4) ao transformar a sociedade no império de fins particulares, conduzindo os indivíduos à adaptação social, beirando a irracionalidade. A formação cultural que possibilitou a ascensão da burguesia ao poder político nos séculos XVII e XVIII, sob a prerrogativa da “igualdade” entre os indivíduos, por meio da elevação de sua consciência em relação às pessoas da sociedade feudal na Europa, não contemplou, naquele contexto, os menos favorecidos economicamente, tais como os camponeses e os trabalhadores assalariados (Cf. ADORNO, 1996).

Tal acontecimento promove um hiato entre a conscientização dos indivíduos na esfera política e as condições econômicas no seio da sociedade⁶. A constituição do Estado Moderno, regido por ordenamentos jurídicos, tendo na política o exercício da cidadania, previa a igualdade de todos perante a lei. No entanto, as condições econômicas de grupos na sociedade teciam as desigualdades e as injustiças sociais, sobretudo com o advento do modo de produção capitalista que transformou os detentores de riquezas em empresários ou administradores do capital, de modo que a ascensão da burguesia ao poder político se efetivou enquanto emancipação dos bem-sucedidos economicamente às custas da exploração de quem tinha pouca riqueza e dos camponeses (Cf. ADORNO, 1996).

Foi uma “emancipação” que pregava uma igualdade entre os homens, mas sem se efetivar no interior da sociedade. Essa concepção de igualdade é absorvida pelo imaginário do povo e alimentada pela semicultura, estipulando como critério de ascensão social a inserção dos indivíduos no processo formativo que tem na educação formal a via que a legitima. A cultura reduzida à semicultura se expressa por uma semiformação – educação vinculada ou identificada com a racionalidade técnico-científica – que substitui o potencial espiritual do indivíduo por uma objetividade material que faz do trabalhador um sujeito de consciência inferior à do capitalista, voltada para a produção da vida material (Cf. ADORNO, 1996).

Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio (ADORNO, 1996, p. 5).

Por um lado, teoricamente, tem-se a concepção de que a formação cultural se efetiva pelo exercício livre de pensar dos indivíduos, promovendo a igualdade entre eles. Por outro lado, o mundo dos fatos, no qual, a formação se converte em potencialidade de produção da vida material, sob a crença de que o aumento da produção de mercadorias, da riqueza material, seria condição suficiente para se alcançar a emancipação humana. Essa crença estimula o abismo entre a vida material e a vida espiritual. Os indivíduos perdem as suas individualidades para satisfazer a lógica do capital, gerar lucro para o capitalista. Com isso, a capacidade de tomar decisões por conta própria se converte em adaptação às regras da sociedade burguesa. Não só isso, ela também alimenta a ideologia de que a vida material deve prevalecer sobre a vida espiritual. A formação cultural se converteu num processo de proibição dos indivíduos pensarem por conta própria. A cultura capturada pelos interesses de grupos dominantes se apresenta como via de promoção dos indivíduos à emancipação, à autonomia, mas se vê impotente para realizar tal função frente aos obstáculos impostos pela realidade social. O sonho de libertação se converte em submissão dos indivíduos à organização social, que se fundamenta na desigualdade e na exploração dos homens pelo capitalista.

A organização atual da vida não deixa espaço ao ego para tirar consequências espirituais. O pensamento reduzido ao saber é [...] mobilizado para a simples qualificação nos mercados de trabalho específicos e para aumentar o valor mercantil da personalidade. Assim naufraga essa auto-reflexão do espírito que se opõe à paranóia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo [...] (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 162,163).

Os condicionantes socioeconômicos do sistema capitalista elaboram os elementos de sustentação da estrutura social, sem nada escapar aos seus interesses. Se a educação tem como propósito atender aos reclames da economia interna da sociedade, como pensava Durkheim (1858-1917), ela é uma instância instituída socialmente para conduzir os indivíduos para a reprodução da estrutura social vigente, atendendo os reclames de suas “necessidades” econômicas, de modo que o processo educacional não se dá de forma natural e espontâneo para aperfeiçoar o ser natural do homem, mas, ao contrário, ela é vista, antes de tudo, como um fato social⁷ que exerce sobre o indivíduo uma força coercitiva para adaptá-lo aos reclames da sociedade.

3 A EDUCAÇÃO PARA ADAPTAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO

Neste cenário, os homens, cultos ou incultos, para se integrarem ao sistema produtivo do capitalismo tardio, por mais simples que seja a profissão, requerem minimamente o domínio do saber científico ou matemático. Então, a educação associada à sociedade burguesa, operacionalizada pela racionalidade técnico-científica, é usada para suprir “necessidade” econômica do capitalismo, proliferando-se para todas as camadas sociais. Pedagogicamente ela possibilita o aprendizado daqueles saberes aos indivíduos, sem, no entanto, evitar a submissão dos trabalhadores à carga horária de trabalhos exorbitantes e baixos salários estipulados pelos capitalistas. Neste aspecto, a educação se mostra impotente para efetivar a emancipação humana. O viés econômico, na sociedade burguesa, se apresenta como a salvação dos indivíduos, mas, ideologicamente, tem a missão de esconder a cisão entre a riqueza produzida pelos indivíduos e a sua condição de vida no interior da sociedade. Essa ideologia está presente na formação cultural – semiformação – que embasa a formação do sujeito para a submissão a interesses externos, mas internalizados como se fossem de cada indivíduo (Cf. ADORNO, 1996).

A produção da riqueza material, promovida pelo desenvolvimento científico, da técnica e da tecnologia, já é suficiente para eliminar a fome, a miséria, que ainda no século XXI assola a humanidade, no entanto, a sobreposição dos interesses da classe dominante sobre os dominados impede que soluções racionais sejam eficientes diante do problema. Ao contrário, com o uso de conhecimento técnico-científico conduz o indivíduo a uma falsa autonomia como se fosse autêntica. “O problema maior é julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição” (MAAR, 1995, p. 15). O progresso científico não é sinônimo de emancipação, no plano educacional não é diferente. Como exemplo disso, Adorno se pergunta como é possível que a Alemanha, na época de Goethe, de pessoas tão cultas e educadas tenha chegado à barbárie nazista de Hitler? (Cf. MAAR, 1995). Houve uma inversão no processo formativo que no

Caminho tradicional para a autonomia, a formação cultural pode conduzir ao contrário da emancipação, à barbárie. O nazismo constituiria o exemplo acabado deste componente de dominação da educação, resultado necessário e não acidental do processo de desenvolvimento da sociedade em suas bases materiais (MAAR, 1995, p. 15).

Com esse procedimento formativo, os indivíduos adaptados ao sistema produtivo capitalista recebem bens culturais por meio de canais diversos – escola, televisão, rádio, cinema, entre outros – que atingem as massas. Mas os conteúdos desses bens ressoam sobre elas formando uma consciência individual que ao invés de incitar o desejo de romper com a sua condição de coisas ajustadas à estrutura social vigente, os conduz a uma postura inversa. Eles assumem para si a tarefa de defender as condições injustas que recaem sobre eles, convertendo-se em agentes da resistência em prol da manutenção daquela realidade⁸.

[...] a ideologia dominante hoje em dia define que, quanto mais as pessoas estiverem submetidas a contextos objetivos em relação aos quais são impotentes, ou acreditarem ser impotentes, tanto mais elas tornarão subjetiva esta impotência. [...] tudo depende unicamente das pessoas, atribuem às pessoas tudo que depende das condições objetivas, de tal modo que as condições existentes permanecem intocadas (ADORNO, 1995, p. 36).

A impotência da educação para assegurar a formação dos indivíduos para se contrapor às imposições do coletivo social sobre as minorias, as particularidades individuais, para se constituir como uma instância da sociedade a serviço do poder

socialmente constituído seja ele econômico, político, ou de qualquer natureza é algo que é planejado pelo capitalismo previamente. É reservada para a educação a função de divulgar os interesses da classe dominante, potencializar a crença de que pela instrução técnico-científica cada indivíduo sai da condição de subjugado para a autonomia. O esforço pessoal passa a ser visto como a via de libertação dos indivíduos das condições a que eles são submetidos na sociedade. Os condicionantes impostos pela sociedade não são levados em consideração no processo formativo. A noção de esforço nessa conjuntura não é o mesmo esforço defendido por Kant para o homem fazer uso do seu entendimento? Se para Kant tal esforço conduzia o indivíduo à sua saída da menoridade, aqui, ele o conduz à adaptação. O esforço é para a integração do homem ao todo social – trabalho, consumo, cidadania, entre outros. Consegue-se isso,

[...] ao ajustar o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura – e que tinham mesmo que ser os primeiros a serem modificados. Este processo é determinado objetivamente [...]. A estrutura social e sua dinâmica impedem a esses neófitos os bens culturais que oferecem ao negar-lhes o processo real da formação, que necessariamente requer condições para uma apropriação viva desses bens. Mas o fato de que os milhões que antes nada sabiam desses bens e que agora se encontram inundados por eles estejam muito precariamente preparados para isso, nem mesmo do ponto de vista psicológico, talvez não seja ainda o mais grave. As condições da própria produção material dificilmente toleram o tipo de experiência sobre a qual se assentavam os conteúdos formativos tradicionais que se transmitiam (ADORNO, 1996, p. 6).

Apesar dos bens culturais estarem ao alcance das massas, eles chegam distorcidos, forjados pela indústria cultural. Ao se utilizar da escola, por exemplo, para promover a instrução como condição de acesso ao modo de produção capitalista, enquanto instância da sociedade que se faz presente na vida das crianças e jovens dias após dias, como dizia Louis Althusser (1918-1990), em sua obra: *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1971), a escola é a instituição social, controlada pelo estado que dispõe de uma carga horária aproximadamente de 8 horas diárias, durante 5 ou 6 dias por semana presente na vida das crianças na formação social capitalista (Cf. ALTHUSSER, s/d). O processo formativo – enquanto semiformação – se constitui como um mecanismo de controle usado pela sociedade para submeter os indivíduos ao seu domínio. A intervenção do estado no processo formativo não é apenas para assegurar a educação para todas as crianças e jovens enquanto condição de acesso ao processo produtivo, mas, é, sobretudo, para manter a harmonia da sociedade, evitando que crenças particulares se desenvolvam nas pessoas no interior da sociedade. É função da educação assegurar a comunhão de ideias e sentimentos entre os indivíduos para preservar aquela harmonia, evitando o conflito entre as pessoas (Cf. DURKHEIM, 2010). O estado passa a ser vigilante ao processo formativo para impedir a efetivação de uma educação “antissocial” – aqui, no caso, é a sociedade capitalista – que possa comprometer a unidade entre os indivíduos e o coletivo social. Tal unidade se efetiva pelo ajuste do indivíduo ao todo social – como sendo um bem maior.

Articulando isso com as condições em que viviam os trabalhadores, aqueles denominados livres, que vendem parte de suas vidas aos capitalistas, conforme afirma Marx: “O operário livre [...] vende a si mesmo, pedaço a pedaço. Vende, ao correr do martelo, 8, 10, 12, 15 horas de sua vida, dia a dia, aos que oferecem mais [...], aos capitalistas” (MARX, 1983, p. 19, 20), e os seus filhos, que se inserem nesse processo, ainda crianças, por meio das escolas, sob a supervisão do estado, que passa a formar a força de trabalho para salvaguardar o sistema capitalista. A escola passa a ser um órgão

da sociedade, oficialmente, responsável pela formação controlada dos indivíduos, no sentido de não permitir desvios daquilo que é de interesse da burguesia.

[...] é através da aprendizagem de alguns saberes práticos [...] envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores [...] (ALTHUSSER, s/d, p. 66,67).

Por um lado, os adultos estão alienados aos capitalistas, comprometendo um terço ou mais de suas vidas ao mercado de trabalho. Por outro lado, os seus filhos são preparados pelo processo educacional, com carga horária diária definida, para ter o mesmo fim. Nos dois casos, dentro dos limites daquelas cargas horárias, o sistema capitalista exerce o controle sobre as pessoas. Essa presença da ideologia capitalista aumenta em suas vidas com o uso dos meios de comunicação de massa. Sob a tutela da indústria cultural, os elementos culturais são absorvidos pelos indivíduos de vários recantos das sociedades. Os saberes veiculados pela mídia conduzem os indivíduos a romper com a autoridade religiosa, sem, no entanto, promover uma consciência crítica, reflexiva, capaz de efetivar a sua autonomia. Ao contrário, essa consciência conduz cada indivíduo “diretamente de uma heteronomia a outra” (ADORNO, 1996, p. 5). O véu ideológico da indústria cultural transforma os produtos da semicultura em tutores dos indivíduos. Apesar de eles serem instruídos, protegidos das influências das forças sobrenaturais, estão reféns do poder simbólico veiculado (Cf. ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 1999).

A ciência em termos de esclarecimento, assume a função que até então era exercida pela Igreja, por meio da sagrada escritura. A ciência define os procedimentos corretos a serem seguidos. Quem age conforme a orientação científica acredita estar imune ao erro (ADORNO, 1995). O sujeito perde a sua capacidade crítica de reflexão sobre a realidade, para se ajustar ao que é considerado correto pelas ciências positivas⁹. Sobre essa questão, afirma Adorno:

As pessoas acreditam estar salvas quando se orientam conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam da ciência. A aprovação científica converte-se em substituto da reflexão intelectual do factual, de que a ciência deveria se constituir. A couraça oculta a ferida. A consciência coisificada coloca a ciência como procedimento entre si própria e a experiência viva. Quanto mais se imagina ter esquecido o que é mais importante, tanto mais procura-se refúgio no consolo de se dispor do procedimento adequado (ADORNO, 1995, p. 70).

Além da ciência, tem-se a indústria cinematográfica, sobretudo, a norte-americana, tem influenciado a formação da consciência do indivíduo, padronizando o consumo de conteúdos culturais fabricados que transformam personagens em mitos que passam a ocupar o lugar que até então era de natureza divina na vida das pessoas. Os artistas passam a ser referência na elaboração e divulgação desse tipo de bens culturais que é consumido no mundo capitalista. A música¹⁰ deixa de ser uma expressão artística, no sentido de expressar a vida humana por meio da arte, da poesia, para se esvaziar em palavrorio que agride as pessoas. As palavras fazem parte de um repertório previamente pensado e aprovado pelo mercado capitalista que censura o que estiver fora desse padrão (Cf. ADORNO, 1996).

As estrelas de cinema, as canções de sucesso com suas letras e seus títulos irradiam um brilho igualmente calculado. Palavras com as quais o man of the street - por sua vez também mitológico - nada conseguiria imaginar, conseguem popularidade precisamente por essa vacuidade. [...] Por vezes, semblantes

femininos — muito cuidados e quase sempre de uma beleza estonteante — se explicam por si mesmos como pictografia da semiformação, rostos como o da Montepan ou o de Lady Hamilton, incapazes de proferir qualquer frase original a não ser os palavrórios vazios que cada situação espera delas, e podem ser eliminados à vontade — como Evelyn Waugh tão bem comentou. A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional (ADORNO, 1996, p. 10,11).

O consumo de bens culturais manipulado pela indústria cultural promove experiências formativas ilusórias que padronizam o comportamento das pessoas. O rádio, cinema e outros meios de comunicação, expõem os protótipos a serem seguidos por todos os indivíduos. Nesse aspecto, os “palavrórios” vazios que compõem as letras de algumas músicas¹¹, por exemplo, se propagam por todas as camadas sociais, deixando as suas marcas na capacidade das pessoas distinguirem o que é cultura do que são apenas mercadorias. Os meios de comunicação decidem sobre o que se deve consumir na sociedade capitalista, evidenciando uma deficiência na formação da subjetividade individual que põe sob suspeita as contribuições do progresso tecnológico enquanto aliado da educação formal para promover a autonomia do sujeito (Cf. MAAR, 1995). O desenvolvimento da tecnologia promovido pela racionalidade técnico-científica nos conduz à crença de que somos autônomos, de que a sociedade é emancipada, promovendo a ingenuidade das pessoas.

Com isso, o princípio da formação cultural de assegurar a diferenciação entre as singularidades que constituem o todo social, sucumbe frente à sociedade de *status* que dá sustentação à sociedade burguesa. Ao povo é reservada uma formação que o permita se integrar ao dinamismo social que tem como exigência uma administração imediata. A operacionalidade do saber para fazer coisas no seio da sociedade acelera a formação dos indivíduos por uma não-cultura que se apresenta como cultura. A racionalidade que dá sustentação à sociedade burguesa, de fato é uma irracionalidade que elege a não-cultura como cultura.

A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria. Da mesma maneira que o caráter ou imagem social do comerciante e do balconista dos velhos tempos prolifera como cultura de empregados — Karl Kraus, que investigou a origem do processo, chegava a falar de uma ditadura estética do balconista —, os respeitáveis motivos de lucro da formação encobriram, como um mofo, o conjunto da cultura (ADORNO, 1996, p. 11).

A cultura do emprego destitui o indivíduo da cultura, imobilizando a sua consciência no processo formativo em prol de sua integração às exigências, sobretudo, da economia da sociedade. A sua capacidade crítica, reflexiva, se converte em adaptação com a pretensão de alcançar *status* sociais. Mas isso o conduz para a negação desses *status*. O acesso à cultura passa por um procedimento pedagógico de simplificação. A cultura universal convertida em mercadorias é uma marca dessa simplificação. Um exemplo disso é a publicação das obras clássicas dos grandes pensadores de todas as épocas numa versão simplificada. Os jovens deixaram de acessar as obras completas dos pensadores para consumirem versões condensadas delas. Isso acontece com o saber científico, filosófico e as artes em geral. As pessoas acreditam ter acesso à cultura quando, de fato, elas estão consumindo apenas resumos desses conteúdos. Os textos didáticos, usados nas escolas, são fatos que retratam bem essa ideia. Eles são selecionados não para proporcionar a autonomia, mas para conservar a sociedade burguesa sem resistência. Com isso, a semiformação conduz os indivíduos a se apropriarem de elementos culturais isolados e a partir deles querem dissecá-lo. Faz do

objeto isolado o tema de sua investigação, ignorando as suas conexões com a realidade mais ampla, na qual ele está inserido. Nesse procedimento, cria-se no processo formativo, o “culto ao gênio”, que cria nas pessoas um estereótipo de sábias quando são capazes de produzir respostas inovadoras para questões, sobretudo, comerciais. Com o advento do avanço tecnológico, a noção de inovação subjuga a tradição cultural, historicamente constituída, ao imediatismo (Cf. ADORNO, 1996).

A idéia de que as pessoas dotadas de gênio e talento façam suas obras por si mesmas e que estas sejam facilmente compreensíveis não passa de entulho de uma estética baseada no culto do gênio. É uma concepção enganosa. Nada do que, de fato, se chame formação poderá ser apreendido sem pressupostos (ADORNO, p. 13, 1996).

Em termos educacionais, o culto ao gênio pode ser concebido pelo processo de simplificação das exigências de conhecer a cultura acumulada historicamente que prometem beneficiar os aprendizes, quando de fato, isso os torna reféns de um imediatismo, tido como útil para eles, subjugando-os aos interesses do poder dominante. Os bens culturais fetichizados, enquanto mercadoria, a eles são oferecidos como se fosse cultura elevada. A possibilidade de inserção no mundo do trabalho, ter um emprego, passa a ser sinônimo de autonomia. A eles é dado o poder de reflexão, mas ela é realizada de forma isolada, que a torna insuficiente para influenciar decisivamente sobre a formação cultural do indivíduo. A discussão sobre a realidade cultural parte de uma concepção de formação cultural dada *a priori*. Isso acontece por falta de articulação entre o saber científico que constitui a essência da racionalidade técnico-científica e da conservação da sociedade capitalista, com a cultura historicamente constituída. Os elementos que subjazem a formação cultural são subtraídos do processo educacional, conduzindo os indivíduos à barbárie (Cf. ADORNO, 1996).

Nesse processo, educação, ciência e tecnologia se fundem para promover o esclarecimento – em termos técnicos e científicos – da consciência, mas conservando os condicionantes sociais da sociedade burguesa, de modo que

[...] quanto mais a educação procura se fechar ao seu condicionamento social, tanto mais ela se converte em mera presa da situação social existente. É a situação do “sonho de uma humanidade que torna o mundo humano, sonho que o próprio mundo sufoca com obstinação na humanidade”! O desenvolvimento da sociedade a partir da ilustração, em que cabe importante papel à educação e formação cultural, conduziu inexoravelmente à barbárie (MAAR, 1995, p. 11).

Essa barbárie se instaura no processo formativo dos indivíduos na sociedade capitalista, pelas exigências impostas pelo sistema produtivo que conduzem as crianças e jovens para as escolas, sob a “proteção” do estado, para ter uma formação “cultural” – semiformação – que atenda às demandas, por um lado, econômica, produtiva, do sistema capitalista e, por outro lado, a um padrão de comportamentos que conserve a estrutura de desigualdade e de exploração da sociedade burguesa – a reprodução da sociedade vigente¹² (Cf. ALTHUSSER, s/d).

As experiências formativas das pessoas são controladas por instâncias socialmente constituídas que não ofereçam risco àquela estrutura social e ao mesmo tempo mantenha o sistema produtivo funcionando de forma eficiente. A formação, ou melhor, a semiformação, pensada sob essa perspectiva se assemelha a um processo de “[...] tortura [que] é a adaptação controlada e devidamente acelerada das pessoas aos coletivos” (ADORNO, 1995, p. 130). A consolidação dessa tortura se efetiva por meio

da obediência dos indivíduos às “autoridades” socialmente constituídas e pelo não reconhecimento do diferente.

A adaptação dos indivíduos aos coletivos se dá por meio de um processo de personificação do valor de troca da mercadoria inculcado nos indivíduos pela semiformação que transforma trabalhador em capitalista. Ou melhor, o trabalhador, não pensa como trabalhador, mas como capitalista. Com esse procedimento, há um fortalecimento da expansão do capital, conservando a contradição que elimina a possibilidade de emancipação humana. O valor de troca, personificado no indivíduo, o torna mercadoria para produzir mais riqueza no sistema capitalista. Aquele que não estiver vinculado a essa lógica, torna-se estranho ao sistema e deve ser adaptado ou negado, excluído. Neste sentido, a formação cultural se distancia de movimento revolucionário, como sinônimo de liberdade, para conservar as condições de exploração inerentes à sociedade burguesa.

O espírito de liberdade que está na base do projeto iluminista que conduziu a burguesia ao poder político e econômico na modernidade, desvincula-se da vida no seio da realidade social para se converter em repressão. Assim sendo, a cultura se constituiu como objeto de análise da especulação metafísica, que se absolutiza e se basta a si mesma. Na realidade, a cultura vista como um valor em si mesmo ou como elemento de repressão abre caminho para os indivíduos se conduzirem às cegas na sociedade (Cf. ADORNO, 1996), convertendo o humano em coisa, a sua consciência coisificada não reconhece o outro como diferente, mas como algo coisificado, potencializando a brutalidade sobre a humanidade em nome de uma igualdade forjada ideologicamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, assumimos que a semicultura atua como um instrumento de unidade entre as diversas ideologias criadas pelas instituições que dão sustentação a um determinado sistema – aqui nos referimos ao capitalista – formando os indivíduos por meio de uma não-cultura que os faz crer que são senhores de si mesmos, quando de fato, eles são acometidos de um posicionamento ingênuo que conserva o sistema, o fortalece, na proporção que enfraquece a sua autonomia. A consciência crítica prometida pela formação cultural que elevou a burguesia ao poder político na modernidade sucumbiu no decorrer do desenvolvimento do capitalismo tardio. Esse ideal está fora do alcance da semiformação. A consciência crítica é algo de uma mentalidade pré-burguesa que alimentou a burguesia para ascender ao poder, mas isso se tornou inconciliável com a racionalidade técnico-científica que serve de sustentação da sociedade burguesa. Há uma incompatibilidade entre consciência crítica e a racionalidade burguesa. A primeira reclama a autonomia do sujeito – o sujeito autoconsciente – e a segunda remete os indivíduos a um processo de submissão aos interesses dos capitalistas. O culto à autoridade religiosa foi substituído por procedimentos racionais, sem, no entanto, eliminar a violência sobre os indivíduos.

Mesmo que haja reformas escolares, elas não são suficientes para fortalecer o espírito para se esforçar e fazer uso do seu entendimento, de forma livre, para promover a autonomia das pessoas – se os condicionantes econômicos, políticos e culturais da sociedade burguesa não forem modificados. Fazer uso da memória para se apropriar de poesias, de textos da literatura clássica, caiu em desuso. Recitar poema de cor com intuito de levar a cultura para os mais jovens passou a ser visto como ingenuidade de um espírito tolo que está fora de seu tempo (Cf. ADORNO, 1996). A falta de pessoas que resgate esse mecanismo formativo acentua a privação do intelecto e do espírito das

peças para realizar experiências formativas autênticas. Ao contrário disso, as novas gerações, os jovens, passaram a nutrir os seus intelectos e espíritos por dinâmicas envolvendo inovação tecnológica que deprecia aquela cultural. Na ausência daquele modo de processar a cultura para a formação dos indivíduos, em que uma geração dialoga com a outra, instalou-se, no seu lugar, outro modo que encurta distâncias entre pontos equidistantes, sem, no entanto, congrega as pessoas na perspectiva formativa. Como afirma Adorno:

Onde essa ideologia falta, instala-se uma ideologia pior. O "homem de espírito", expressão hoje tão desacreditada, é um caráter social em extinção. O pretensão realismo que o sucede, no entanto, não está mais próximo das coisas, mas simplesmente disposto, às custas de quaisquer *toil and trouble*, a ocupar uma existência espiritual e a apoderar-se do que esta lhe traga. [...] isso, digo exagerando, não existem adultos que sejam grandes teóricos da economia, nem, em definitivo, nenhum com verdadeira vocação política. A formação cultural requeria proteção diante das atrações do mundo exterior, certas ponderações com o sujeito singular, e até lacunas de socialização (ADORNO, 1996, p. 9).

A escola que evolui do ponto de vista tecnológico, no cenário da racionalidade técnico-científica, na modernidade, que foi disponibilizado para pessoas de todas as classes sociais para atender os reclames, sobretudo, econômicos da sociedade burguesa, só atingirá a sua excelência quando a violência contra a qual a educação deve se voltar, principalmente, depois da humanidade vivenciar a experiência dos campos de extermínio na Europa, na primeira metade do século XX, for eliminado. Qualquer meta que possa orientar o debate sobre a educação deve se fundamentar na prerrogativa de "que *Auschwitz* não se repita" (ADORNO, 1995, p. 119). Mas, se a educação está a serviço, sobretudo, da economia da sociedade capitalista, adaptando os indivíduos aos seus reclames, então como ela pode se contrapor a tal imposição?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. *Teoria da semicultura*. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira; Bruno Pucci e Cláudia Barcelos de Moura Abreu. Revista – Educação e Sociedade, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2017.
- ADORNO, T. WHORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelho ideológico de estado*. Lisboa, Editora Presença, s/d.
- CHAGAS, E. F. *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx*. Campinas, Editora Phi, 2016.
- DINIZ, Francisco Rômulo Alves. "Herbert Marcuse: ciência, política e sociedade". In: DINIZ, Francisco Rômulo Alves; AQUINO, J. Alves de; DO CARMO, Luis A. Dias. *Princípios: discussões filosóficas*. Sobral, Edições UVA, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. Trad. de Maria de Fátima Oliva do Coutto. São Paulo: Hedra, 2010.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Trad. de Paulo Neves. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ENGELS, F. Dialética da natureza. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre educação e ensino*, São Paulo: Moraes, 1983.
- FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.
- KANT, Immanuel. "Resposta à pergunta: que é o esclarecimento?" In: KANT, Immanuel. *Textos Seletos* (edição bilingue). Trad. Raimundo vier. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. São Paulo, Cortez, 1994.
- MAAR, Wolfgang Leo. A guisa da introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T.W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1967.
- MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo, Unesp, 1999a.
- MARCUSE, Herbert. *A grande recusa hoje*. Trad. Isabel Loureiro e Rosbespierre de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b.
- MARX, K. Trabalho assalariado e capital 1. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre educação e ensino*, São Paulo: Moraes, 1983.
- ZUIN, Antônio A. S.; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NOTAS

- 1 Artigo extraído da minha tese de doutoramento, defendida em 2018.
- 2 Podem-se encontrar reflexões sobre a questão da educação e semiformação, sobretudo, no texto: ZUIN, A. A.; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. (1999).
- 3 O sujeito autoconsciente, intelectual, ou espírito livre, não mais depende da aprovação de nenhuma autoridade divina ou de outros homens para reconhecer algo como verdadeiro, ele é dotado de razão e busca o imediatamente certo, rejeitando como falso toda forma de pensar sem fundamento (Cf. FEUERBACH, 1988). A autonomia intelectual do sujeito diante das forças sobrenaturais é algo presente na modernidade, que a princípio, parece efetivar a emancipação humana, no entanto, essa autonomia se converte em outras formas de heteronomia. Antes mesmo de tal questão ser denunciada por Adorno em suas obras, Feurbach (1988) já enaltece a ilusão da filosofia do início da modernidade por defender que a constatação da verdade por meio de operações lógicas da razão é suficiente para assegurar a autonomia do homem, que promove a sua emancipação.
- 4 As máquinas deixam de ser vistas apenas com artefatos mecânico e tecnológico e passam a ser admiradas como algo que está acima do homem, que devem ser imitadas, sobretudo, no ritmo de produtividade e de eficácia. Conforme afirma Marcuse: “A máquina tornou-se antes um elemento de um sistema organizacional que, por sua vez determina as formas de comportamento do trabalhador, não só dentro de cada empresa, como também em todas as esferas da existência. A exigência de energia técnico-psíquica, em vez de energia física, equipa o trabalho no processo de produção material [...] No interior desse aparato definido pelas máquinas [...] o trabalhador vive num todo que aparentemente se automovimenta, mecanizado e rotineiro, que faz vibrar consigo. As máquinas e as formas de comportamento imposta pelas máquinas movem-se, no sentido literal, comunicando-lhe seu ritmo – não só no trabalho mas também durante o tempo livre, nas férias, ao andar. [...] neste novo ritmo, proveniente do trabalho mecanizado e automatizado, a alma do trabalhador é igualmente mobilizada” (MARCUSE, 1999a, p. 52,53).
- 5 O processo de ensino e aprendizagem do que é “certo” ou do “verdadeiro” na consciência da criança, não pode ser concebido como uma ilha individual ou individualizada, isto se dá como um reflexo de parte da sociedade da qual ela faz parte, de que ela participa, das relações sociais com a família, com os vizinhos, a aldeia, entre outras instâncias. “A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares: o “certo” de uma cultura evoluída toma-se “verdadeiro” nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação. Daí porque é possível dizer que, na escola, o nexos instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos [...]” (GRAMSCI, 1989, p. 131).

- 6 A emancipação política, alcançada pelo homem no Estado Moderno, assegura a igualdade de direito para todos os indivíduos, mas um direito no âmbito formal, o qual abstrai das condições concretas de vida desses mesmos indivíduos na sociedade, onde impera o egoísmo, gerando homens fragmentados, divididos. O Estado político na modernidade se constitui, em sua essência, pela oposição entre a vida genérica do homem e a sua vida material. O egoísmo presente na vida dos indivíduos continua a subsistir fora da esfera do Estado, na sociedade civil. O homem passa a viver uma vida dupla no mundo, a saber: um ser genérico com direitos iguais diante do Estado e uma vida privada determinada pelo egoísmo, pela luta de todos contra todos na sociedade civil. O Estado político moderno suprime, de forma política, a propriedade privada, mas tal supressão pressupõe, ao contrário, a existência dela. (Cf. CHAGAS, 2016).
- 7 Durkheim chama de fato social “[...] *toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais*” (DURKHEIM, 2007, p. 13).
- 8 Em qualquer época, a sociedade institui um sistema de ensino para formar os indivíduos em função das “necessidades” sociais, convertendo a educação num instrumento de submissão dos indivíduos às estruturas sociais vigentes. Nas palavras do sociólogo francês, temos que: “[...] cada sociedade, considerada num determinado ponto de seu desenvolvimento, tem um sistema de educação que se impõe aos indivíduos com força em geral irresistível. Inútil crer que possamos educar nossos filhos como desejamos. Há costumes aos quais precisamos nos adequar; se os infringimos muito gravemente, eles se vingam em nossos filhos. Uma vez adultos, não se acharão em condições de convívio, mas em desarmonia com seus contemporâneos. Quer tenham sido criados segundo ideias muito arcaicas ou muito avançadas, pouco importa. Tanto num caso como no outro, eles não pertencem a seu tempo e, por conseguinte, não se encontram aptos à vida normal. Há, portanto, em cada época, um tipo regulador de educação, do qual não podemos nos afastar sem contrariar vivas resistências que impeçam as veleidades de dissidências” (DURKHEIM, 2010, p. 30).
- 9 O homem de ciência concebido pela lógica da produtividade, a partir da produção em série, sobretudo com o advento da revolução industrial, segundo Marx, se configura como o oposto do homem de ciência responsável pela ruptura do pensamento da Idade Média para a efetivação da racionalidade moderna. Ele era marcado por experiências culturais diversificadas, não havendo “[...] praticamente nem um só grande homem que não houvesse realizado longas viagens, não falasse quatro ou cinco idiomas e não brilhasse em vários domínios da ciência e da técnica” (ENGELS, 1983, p. 51).
- 10 A música, vista no contexto da sociedade de consumo, distancia-se de seu caráter de cultura superior para se converter em objeto de venda (Cf. DINIZ, 2005).
- 11 Conforme afirmação de Marcuse: “A música da alma é também a música da arte de vender. O que importa é o valor da troca e não o da verdade” (MARCUSE, 1967, p. 70). Nesse caso, a venda da mercadoria se sobrepõe ao valor de uso da música, provocando uma paralisação na alma humana no sentido de se contrapor ao que representa esse tipo de arte para a vida em sociedade.
- 12 A questão da educação como reprodução da sociedade é discutida por Luckesi no livro: LUCKESI (1994).